

PREÂMBULO

INSTITUIÇÕES SOCIAIS E A ORGANIZAÇÃO PÚBLICA

Movimentos, associações, instituições, ONGs, grupos e entidades de qualquer ordem – sejam culturais, científicas, assistenciais, sociais, religiosas, leigas, educacionais, ambientais, folclóricas, desportivas, de serviços, defesa dos animais, combate a vícios, filosóficas e assemelhadas - são testemunhos de vitalidade de uma coletividade, exemplos de uma sociedade ativa, atuante, fecunda, florescente. Quão rica, vigorosa, participativa uma comunidade detentora de inúmeras, diversificadas manifestações de pensamento e atuação!

O famoso político inglês Benjamim Disraeli (1804-1881), de forma inspirada, escreveu: “As pessoas podem formar comunidades, mas as instituições e só elas criam uma nação”. Organizações que no seu dia a dia, de forma conquanto intrépida, dolorida - quantas vezes abafadas, incompreendidas - compõem as páginas, textos humanos deste fascinante, colossal, extorquido continente chamado Brasil.

Cabe ao Poder Público, assim reza a Constituição, amparar as entidades da sociedade civil, parceiras, estas, inestimáveis da administração pública e do desenvolvimento coletivo. É de se estranhar, pois, atitudes de gestores públicos que, por autoritarismo, exibicionismo, caprichos, inabilidade buscam interferir na administração das entidades comunitárias – regidas estas por estatutos próprios e personalidade jurídica autônoma nos termos da lei vigente - desmotivando dirigentes (todos eles voluntários), forçando decisões de cunho unicamente interno-estatutário...Um preço alto, infelizmente, para a comunidade e suas instituições, que se vêem desconsideradas, desprestigiadas em sua autonomia funcional e legal.

Os recursos eventualmente repassados pela administração pública a entidades conveniadas ou parceiras, sejam do próprio orçamento, sejam via transferências de outras esferas governamentais, são oriundos dos pesados impostos extraídos da população e não propriedade dos gestores públicos, transitórios em seus mandatos. Os dirigentes das entidades sociais são idealistas, dedicados, não têm remuneração, abdicam de sua vida pessoal, familiar, profissional, enfrentando intensas e heroicas dificuldades na gestão diária das entidades em que atuam e ainda têm que enfrentar incompreensões, achaques, interferências, exigências indevidas, filões de exorbitâncias de autoridades ou de outros segmentos “superiores”, autocratas, que, lamentavelmente, infestam a vida política do País, há séculos.

Ai da administração pública se não contar, no âmbito da comunidade, com instituições filantrópicas e/ou sem fins lucrativos como hospitais, creches, museus, asilos, associações de bairros, clínicas para dependentes químicos ou psiquiátricos, sindicatos, cooperativas, clubes de serviços, grupos artísticos, culturais e folclóricos, entidades que combatem doenças sociais ou químicas (álcool, drogas, depressão) etc.

Cidades onde tudo depende do Poder Público (e há administradores manipuladores que assim fazem acontecer ou ainda dada a lamentável omissão da sociedade) vem-se relegadas ao ostracismo, ao atraso, ao clientelismo e estagnação econômico-social e cultural.

Com o diz a Bíblia: sobre tais naipes de pessoas. “Atam fardos pesados e difíceis de suportar e os põem nos ombros dos homens; eles, contudo, nem com um seu dedo fazem esforço em movê-los” (Mt 23,4).

Cabe-nos todos, indistintamente, apoiar o trabalho de nossas instituições e de seus abnegados dirigentes, combatendo-se toda forma de interferência, absolutismos e ingerências indevidas na gestão das organizações comunitárias. É o mínimo que se espera!

O Impacto Transformador das Cooperativas de Crédito nas Comunidades

As Cooperativas, com sua filosofia comunitária, exercem um papel vital no fortalecimento da economia e na promoção do desenvolvimento sustentável em todo o mundo. Destacamos a notável atuação das cooperativas de crédito, especialmente nas pequenas e médias comunidades, onde democratizam o acesso ao crédito, desconcentram a renda e impulsionam o empreendedorismo. Este artigo explora o poder do cooperativismo como uma ferramenta para melhorar o emprego, a renda, a autoestima e o bem-estar comum.

Pág. 4

O Ciclo do Ouro no Brasil Colonial: Prosperidade e Conflitos

Explore a fascinante história do Ciclo do Ouro no Brasil colonial, um período marcado pela descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais. Descubra como essa época transformou o cenário econômico do país e levou à ascensão da região Sudeste como polo econômico hegemônico.

Pág. 14

A Vida de Mozart Revelada em Cartas - Uma Jornada pela História e Música do Gênio

Mergulhe nas cartas de Mozart, revelando sua jornada desde a infância como uma criança-prodígio, quando enfrentou desafios e obstáculos em busca de reconhecimento para seu incrível talento. Viaje pela Europa ao lado de Mozart e seu pai, Leopold Mozart, enquanto eles enfrentam altos e baixos em sua busca por reconhecimento.

Pág. 16



ADIVINHAS

1. O que é, o que é? O motivo dos ovos não contarem piadas.
2. O que é, o que é? No início muda e no fim dança.
3. O que é, o que é? Um ponteiro disse para o outro.
4. O que é, o que é? A formiga tem maior que o leão.

Respostas: 1- Para não rachar de rir; 2- A mudança; 3- Encontro você ao meio-dia; 4- O nome.

Provérbios e Adágios

- Comer o pão que o diabo amassou.
- Catar macacos.
- Cozinhar em fogo brando.
- Cumprimentar com o chapéu alheio.
- Cair no "conto do vigário".
- Com quem casei minha filha!
- Chorar de barriga cheia.



Para refletir

• As cidades, como as pessoas, são um composto de corpo e alma. O corpo é a estrutura externa, visível e palpável da cidade. A alma é a história, a tradição, a vida da cidade e a vida e a atitude das pessoas que, num determinado período, representam o seu espírito (Cardeal D. Lucas Moreira Neves).

• Intoleráveis são os governos fundados sobre o "totalitarismo nacional, religioso ou étnico, onde a recusa ao outro chega a ponto de aniquilá-lo. Intoleráveis também a xenofobia, o racismo, o negacionismo e o sexismo. Intolerável, enfim, todas as vítimas habituais da dominação quotidiana ou as vítimas extraordinárias das guerras, das deportações e das limpezas étnicas mais que nunca na ordem do dia (Michelle Perrot – UNESCO, Fórum Internacional da Intolerância, 27-03-1997, RJ).

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



Apoio:



TARSILA DO AMARAL

Francisco Bastos

Nasceu no dia 01 de setembro (1886-1973) foi uma famosa pintora brasileira.

Seu famoso quadro "Abaporu" pintado em 1928 é sua obra mais cara de todo o Brasil.

Hoje adquirida por um milionário argentino.

Nele vemos a grande valorização das pernas que nós também, os Angiologistas ressaltamos e defendemos. Somos anjos-da-guardas das pernas.

"Nem toda ciência do mundo, nem a Flebologia moderna, explicam o charme e o encanto, que tem a beleza das pernas" (FB).

Tarsila participou ativamente da renovação da arte brasileira na década de 1920.

Formou, com Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Mario de Andrade e Osvaldo de Andrade o chamado "Grupo dos Cinco."

Junto com os escritores lançou o movimento "Antropofágico", um movimento Modernista.

Tarsila do Amaral nasceu em Capivari, São Paulo, numa tradicional família de São Paulo.

FASE ANTROPOFÁGICA

A segunda fase da obra de Tarsila do Amaral, denominada "Antropofágica", em que foi inspirado no quadro "Abaporu" (1928) (antropófago, em tupi).

Partidários de certo primitivismo os antropófagos propunham que a cultura estrangeira fosse devorada, assimilada, aproveitando inovações, porém sem perder nossa identidade cultural.

A terceira fase da obra de Tarsila é denominada "Social", teve início com a obra, "Operários", sensibilizada pelos temas sociais e a situação dos trabalhadores. Queria um Brasil melhor, soberano com o povo participando.

Tarsila pintou dois painéis: "Procissão do Santíssimo" (1954), para as comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo e "Batizado de Macunaíma" (1956), para a Editora Martins.

Em 1951 participou da I Bienal de São Paulo.

Em 1963, teve uma sala especial na VII Bienal de São Paulo e depois na XXXII Bienal de Veneza.

Tarsila do Amaral faleceu em São Paulo, no dia 17 de janeiro de 1973.

www.franciscoreisbastos.com.br

Nota: Sobre Tarsila do Amaral ver matéria no boletim nº CLXXXV – fev./2023

AO PÉ DA FOGUEIRA

O VELHO E SURRADO FUSCA

Proprietário de movimentada oficina mecânica, tinha como vizinho um jovem fazendeiro, que, após trabalhar ao longo do dia nas lides do campo, retornava à cidade, ao anoitecer, a bordo de velho, maltratado fusca. Assiduamente, ritual diário, mesmo antes de chegar em casa, adentrava a oficina, requisitando ao mecânico para proceder a algum reparo em seu veículo, pois o sofrido veículo enfrentava péssimas estradas e a incúria do proprietário. Invariavelmente, havia algum serviço a ser feito – pastilha de freio, filtro de ar, carburador, óleo de motor, pneus, lâmpadas queimadas, vela de ignição, instalação elétrica em geral.

- Vendo este trambolho ao primeiro comprador que aparecer... Já não aguento tantos reparos, tantos gastos, afirmara, por diversas vezes, o proprietário.

E instigava o mecânico, a respeito: - Você bem que podia me comprar este carro!

Após várias invectivas e ofertas por parte do dono, o mecânico, afinal, início de mês, fez as contas e verificou oportunidade em adquirir o fustigado veículo.

- Quanto você quer?

- Três mil na bucha. Sem regateios...

- Tá bem, O carro é meu, pago dia 20.

Negócio fechado, transferência processada, o mecânico providenciou adequações ao fusca – uma geral, como se diz – desde a parte mecânica, lataria, lanternagem, estofaria e eis o veículo remoçado, nos trinques, atraindo a atenção de compradores, em especial colecionadores de carros antigos, pessoas de consideráveis posses etc. O suficiente para conseguir um valor quase que triplicado para o fusca.

O bom negócio trazer-lhe-ia, todavia, aborrecimentos de toda or-

dem. O antigo proprietário passou a procurá-lo, a assediá-lo a todo e qualquer momento e lugar, importunando-o, exigindo coparticipação na transação, “no lucro”. Que vendera o carro barato, que fora passado para trás pelo mecânico, que este não consertara devidamente o carro de forma a desvalorizá-lo, comprando-o na bacia das almas, que o veículo se tratava de valiosa relíquia familiar, que ele e família foram lesados e por aí afora. Passou a envolver terceiros e até autoridades, um verdadeiro stalking com a invasão da privacidade do mecânico e de sua família.

Certa noite, como o fizera já várias vezes, eis que chega o sitiante, acompanhado de toda a família, à residência do mecânico com a mesma lereia, o mesmo chororô, a mesma cantilena. A esposa do mecânico, colecionadora de instrumentos indígenas, resolveria o problema, de forma enérgica, incisiva, para tal brandindo e levantando uma grossa borduna:

- O senhor não vendeu o carro por vontade própria, não recebeu o valor combinado?

- Sim..., mas...

- Mas, Neca! O que o senhor quer, então? Nunca mais volte aqui e nem importe mais meu marido e a todos nós acerca desse assunto... Senão a coisa vai engrossar! A borduna vai ter que funcionar!... Ufa...

Borduna é arma indígena de ataque e defesa, feita de madeira compacta, geralmente cilíndrica, alongada. “Levantar borduna” – no conceito popular, significa “dar um ultimato”, exigir a rendição, dar um fim e suspensão de atos tidos como inamistosos, belicosos.



RETENÇÃO DA RIQUEZA COMUNITÁRIA

A IMPORTANCIA DA RELAÇÃO COOPERATIVA E PREFEITURA

As Cooperativas, dada sua filosofia comunitária, humanista e progressista, exercem, em todo o mundo, excepcional importância no fortalecimento da economia e de fomento ao desenvolvimento sustentável; releve-se, a esse respeito, a atuação das cooperativas de crédito, mormente nas pequenas e médias comunidades, onde democratizam o acesso ao crédito, desconcentram a renda, fortalecem os pequenos negócios, estimulam o empreendedorismo, oferecem segurança creditícia e autoconfiança coletiva, empoderam o cidadão, melhorando, assim, as condições e oportunidades de emprego, renda, autoestima e bem-estar comum.

As Cooperativas têm como referência/visão fomentarem o desenvolvimento econômico e social das pessoas e comunidade e dessa forma (missão) promoverem soluções sustentáveis e experiências inovadoras por meio da cooperação/parcerias. O sistema da autoajuda e mutualidade. As cooperativas, como se sabe, são instituições que praticam valores e exercitam princípios, os mais nobres e nobilitantes, dentre tantos: o respeito e a valorização das pessoas; sustentabilidade e simplicidade; ética e integridade; excelência e eficiência; inovação; liderança inspiradora.

O Cooperativismo é um sistema associativo, de alcance mundial, onde os cooperados são simultaneamente os usuários/clientes dos serviços prestados, os “donos”, ou seja, seus próprios administradores e gestores e ainda os investidores/depositantes/aplicadores – uma forma de organização que conta com o apoio dos governos, porquanto são fornecidos serviços e produtos adequados às necessidades dos associados e moradores da comunidade (área de atuação da cooperativa).

IMPORTANCIA DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NAS PEQUENAS E MÉDIAS COMUNIDADES – As Cooperativas de Crédito dispõem de um portfólio diversificado de soluções financeiras (gama de serviços e produtos), além de taxas competitivas, garantias de depósitos (fundo garantidor de depósito próprio-FGCoop), monitoramento/fiscalização pelo Banco Central. Assim, as cooperativas de crédito – com forte atuação local e imenso potencial transformador – são fundamentais quanto ao acesso e inclusão financeira em áreas com baixa disponibilidade de atendimento pelo sistema tradicional, quando não a ausência total, e são, muitas vezes, (as cooperativas) a única instituição financeira local. Sua presença gera efeito multiplicador da poupança local, pois investem os recursos captados

nas próprias comunidades onde estão inseridas, fato mencionado e enaltecido publicamente pelo presidente do Banco Central, Dr. Roberto de Campos Neto, em preleção no dia 25-06-2019.

A agência da Cooperativa de Crédito, presente no dia a dia da localidade, retém a poupança local (que, do contrário, é levada para fora do município), fortalece o relacionamento com o associado e cidadão, desobriga moradores de se deslocar às cidades vizinhas para realizar serviços financeiros. Em resumo, a agência da Cooperativa exerce papel essencial de empoderamento e progresso sustentável das comunidades, promove a cidadania com ações sociais, culturais, ambientais em prol da população, impacta positivamente a qualidade de vida e bem-estar dos moradores. A redução das desigualdades sociais, inclusão econômica, social, cultural; transformação/democratização da economia. A riqueza local gerada, multiplicada e reinvestida na própria comunidade, mediante captação e reaplicação local dos recursos.

O PAPEL DO MUNICÍPIO – O relacionamento financeiro entre o Município e a Cooperativa de Crédito é sumamente virtuoso para toda a comunidade, abrangendo arrecadação de tributos, pagamentos de folhas, crédito consignado aos servidores, depósitos disponíveis do município – FPM, IPI, ICMS, IPTU, ISSQN, IPVA, ITBI, dentre outras taxas, contribuições e movimentações.

Há uma vasta legislação e amparo legal regulamentar emanados das autoridades legislativas e monetárias do País, amparando e estimulando os municípios do País a operarem/apoiarem as cooperativas de crédito que ali atuam.

- Resolução CMN n. 3922 de 25-11-2010 que permite aos municípios a aplicação de disponibilidades dos regimes próprios de previdência social no sistema cooperativista de crédito.
- Resolução CMN n. 4434 de 05-08-2015, autorizando a arrecadação de tributos e folhas de pagamento de municípios (art. 17-VIII).
- Lei Complementar n. 162 de 04-01-2018 (que alterou a LC n. 130/2009), autorizando a captação de recursos dos municípios, de seus órgãos ou entidades e empresas por eles controlados.
- Resolução CMN n. 4659 de 26-04-2018, dispendo sobre os requisitos aplicáveis à captação por cooperativas de crédito de recursos dos municípios, de seus órgãos ou entidades e empresas por eles controlados
- Leis complementares n. 160 e 196.



POVOADORES DA APLICAÇÃO DE SÃO TIAGO – SÉCULO XVIII

JOÃO ÁLVARES CORREIA

João Álvares Correia foi morador da freguesia de São Tiago, abastado proprietário da Fazenda “Ribeirão das Almas”, finais do século XVIII.⁽¹⁾ Era natural da freguesia de Santo Antonio da Vila e Termo de São José, bispado de Mariana, filho de Domingos Álvares e Maria Correa de Alvarenga (que, em alguns documentos aparece como Maria Gonçalves Correa)⁽²⁾. O próprio João Álvares é mencionado, por vezes, como João Alves Correia. Nesta fazenda, João Alvares Correa redigiu seu testamento datado de 13-07-1794, tendo ali falecido aos 26 de novembro do mesmo ano. Casado com Tomásia Maria da Conceição, natural da freguesia da Lage, onde foi batizada aos 22-11-1752, filha de Antonio Machado Rodrigues e Ignez Francisca de Jesus, np de Bartolomeu Machado Rodrigues e Maria da Conceição, naturais da Ilha Terceira, bispado de Angra e nm. de Caetano da Costa Miranda, natural da freguesia de Santa Luzia, Ilha Terceira e Maria de Santo Inácio, natural da freguesia de São João da Casa Ribeira, vila da Praia, Ilha Terceira, bispado de Angra João Álvares Correa, por sua vez, era neto materno de Antonio Correa de Alvarenga e sua 2ª mulher Catarina Paes de Camargo, esta, por sua vez, filha de Antonio Machado Rodrigues e Ignez Francisca de Jesus – genealogia paulistana⁽³⁾.

João Álvares Correa deixou como testamenteiros, em 1º lugar, a viúva juntamente com o filho João Alvares Correa de Alvarenga; em 2º lugar o genro Manoel José de Castro e em 3º o irmão Alferes Antonio Alvares Correa. (que foi o administrador dos bens de Pe. Carlos Correia de Toledo, na vila da Lage, após a prisão e degredo do sacerdote envolvido na Conjuração Mineira).

Filhos do casal João Alvares Correia e Tomásia Maria da Conceição:

I – João Alvares Correa de Alvarenga, batizado na capela de São Tiago aos 14-03-1771. Foi o testamenteiro materno. Casado na capela de São Tiago aos 10-08-1795 com Maria Teodora de Jesus, natural de Prados, batizada na capela de Nossa Senhora do Sacramento aos 16-04-1769, filha de Antonio Rodrigues de Faria e Maria Francisca de São José, np de Antonio Rodrigues da Costa e Agueda Rodrigues, nm de Manoel Rodrigues Garcia e Isabel do Rosário, naturais da freguesia de São Miguel, Ilha do Pico, bispado de Angra, Arquipélago de Açores (família “Os Faria de Bom Sucesso”). Casal mudou-se para Piumhi por volta de 1800, juntamente com vários membros da família Faria (ver matéria sobre o Pe. José Machado de Faria, em nosso boletim CLXXXVI – março/2023⁽⁴⁾). Filhos do casal – a) Pedro, batizado na capela de São Tiago aos 23-02-1797, sendo padrinhos o Alferes Pedro Rodrigues de Faria e Tomásia Maria da Conceição; b) Ana, nascida aos 02-11-1805 e batizada no dia 10 do mesmo mês e ano na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Pium-i; c) Francisca, nascida aos 29-02 e batizada aos 20-03-1808 na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Pium-i. João Álvares Correa de Alvarenga foi o 2º testamenteiro de sua sogra Maria Francisca de São José, a qual ditou seu testamento aos 26-04-1802 e faleceu aos 13-04-1805, conforme livro de óbitos da matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados (Projeto Compartilhar – Antonio Rodrigues de Faria).

II – Ana Alvares de Jesus, batizada aos 28-08-1752 na capela da Lage, sendo padrinhos João Francisco Afonso e Francisca Gonçalves Branca, esposa do Cap. Luiz Cardoso Osório; c/c Manoel José de Castro aos 25-08-1792 na capela de São Tiago; ele, filho de José de Castro e Ana Maria. Quase todos os filhos do casal Manoel José de Castro e Ana Álvares foram batizados

na capela de São Tiago⁽⁵⁾.

III – Mariana

batizada aos 30-07-1791 na capela de São Tiago. João Álvares Correa, como vimos, fez seu testamento aos 13-07-1794 na Fazenda Ribeirão das Almas, aplicação de São Tiago, aí falecendo aos 28-11 do mesmo ano, sendo sepultado no cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São João Del-Rei. Deixou como testamenteiros, sua mulher Tomásia Maria da Conceição juntamente com seu filho João Alvares Correa de Alvarenga; em 2º seu genro Manoel José de Castro e em 3º seu irmão o Alf. Antonio Alvares Correa. Inventariado em 1795 por sua viúva Tomásia Maria da Conceição⁽⁶⁾ (Cx. 579 - lphan/SJDR). (Fonte: Projeto Compartilhar – Genealogia Paulistana - Antonio Correa de Alvarenga).

“No (inventário) de João Alves (sic) Correia, de 1795, residente na Fazenda Ribeirão das Almas da Aplicação de São Tiago do termo da vila de São José, 300 porcos de terreiro valiam 45\$000 reis, 30 “cabeças de gado vacuum” foram orçadas em 72\$000 réis e 16 bois de carro a 76\$800 reis” (André Figueiredo Rodrigues – “Estudo Econômico da Inconfidência Mineira análise dos sequestros de bens dos inconfidentes da comarca do Rio das Mortes” São Paulo, USP, 2008, p. 149) (Fonte: AHET/lphan/-MG/SJDR, Cx. 579 – Inventário de João Álvares Correa, Ribeirão das Almas e Aplicação de São Tiago, 1795).

Em seu testamento lavrado aos 04-02-1819 na Fazenda Retiro das Laranjeiras, aplicação de São Tiago, o Cap. Pedro Rodrigues de Faria, falecido aos 09-08-1823, relaciona, entre seus bens, “uma fazenda chamada Mata das Almas, que foi do falecido João Alves Correia...” (Inventário do Cap. Pedro Rodrigues de Faria – ano 1823 – Cx. 497 – IPHAN/SJDR). A fazenda mencionada como Ribeirão das Almas aparece ainda na divisão de bens de Dª Ana Policena da Conceição, conforme processo/Fundo de Divisão de Terras, cx. 17, ano 1859, IPHAN/SJDR.

NOTAS:

(1) A propriedade “Ribeiro” ou “Ribeirão das Almas” aparece mencionada em documentos posteriores como “Córrego das Almas”, “Mata das Almas” e nos dias atuais “Cruz das Almas”. Provavelmente termo remanescente da antiga sesmaria “Almas”, a primeira concedida pelo governo colonial em nosso meio a Roque de Souza em 1737. Ver matéria em nosso boletim nº CXIV – março/2017.

(2) O casal Domingos Álvares e Maria Correa de Alvarenga teve, além de João Álvares e outros, os filhos:

I - Gonçalo Alves Correa, batizado na capela da Lage aos 19-03-1751; casou em Itu/SP aos 28-08-1765 com Maria Joaquina de Araújo;

II - Antonio Álvares Correa, n. de Santo Antonio, vila de São José, nm de Antonio Correa de Alvarenga e sua 2ª mulher Catarina Paes de Camargo; casado aos 18-08-1773 na matriz de Prados com Vicência Joaquina de Moura, natural de Prados, filha do Cap. João Gonçalves de Moura e Maria Genebra. Filhos do casal Antonio Alvares Correa e Vicência Gonçalves de Moura: 1. Francisco de Paula Alvares de Moura, batizado aos 05-09-1774 na capela da Lage; casou aos 09-05-1809 na capela de Nossa Senhora de Itabira com Joana Rosa de Alvarenga; 2. Maria, batizada aos 09-06-1789 na capela da Lage; 3. Ana, batizada aos 27-07-1790 na capela da Lage, sendo padrinhos João Álvares Correa e sua mulher Tomásia Maria da Conceição (Projeto Compartilhar – Antonio de Oliveira Gago e Ana da Cunha).

Ambos, Antonio e Gonçalo cursaram vida religiosa no Seminário de Mariana. Ver Box – De Genere Vita et Moribus

O Alferes Antonio Álvares Correa foi o responsável pelo gerenciamento (depositário) dos bens do Pe. Carlos Toledo no termo da Lage à época da Inconfidência Mineira, sofrendo duras críticas por parte do Rev.º Bento Cortes de Toledo, irmão e procurador de Pe. Carlos Toledo, pela

negligência na gestão dos bens (Autos do sequestro dos bens do vigário Carlos Correa Toledo e Melo – IHGB DL 101.3, fls. 9 a 13) Ver matéria, nesse sentido, em nosso boletim nº CXV – abril/2017.

(3) Antonio Correa de Alvarenga era filho de Pedro Correa de Alvarenga e Benta Dias de Proença Varela. Casou pelo menos 2 vezes: a 1ª, em Itu/SP, em 1682, com Izabel Velho de Godoy, natural de Parnaíba/SP, filha de Isidoro Pinto da Silva e Antonia Preto (família “Godoy”). Dª Izabel era irmã do Pe. Isidoro Pinto de Godoy, vigário de Santana do Parnaíba/SP, seu testamenteiro. Faleceu ela com testamento, sendo inventariada em dezembro de 1699 (SAESP, vol. 26). Casal com 3 filhas: I – Maria de Godoy, casada em 1700 em Parnaíba/SP com João Francisco Duarte, natural de São Vicente/SP, filho de Francisco Rodrigues de Moura e Ana Duarte; II – Benta Dias, casada em 1701 em Parnaíba com João Álvares de Araújo, natural de São Vicente, filho de Manoel Álvares de Abreu e Ana João; III – Isadora de Godoy, casada em Parnaíba, em 1701, com Francisco de França Raposo, natural de Portugal.

Antonio Correa de Alvarenga casou, em 2ªs núpcias, com Catarina Paes de Camargo, filha de Fernando Munhoz e Vitória de Camargo (SL 1-203, 3-6 – Família “Fernando Munhoz”). Foram moradores de São Gonçalo do Brumado (Caburu), termo da vila de São João Del-Rei, onde Dª Catarina foi inventariada em 1732 (ano de término do inventário), sendo inventariante o viúvo Antonio Correa de Alvarenga (Cx. 429 – Iphan/SJDR). O casal Antonio Correa de Alvarenga e Catarina Paes de Camargo teve os filhos: I – Félix com 8 anos (1732); II – Maria Correa de Alvarenga com 6 anos (1732); III – Estevão; IV – Inácio (ou Inácia) com 4 anos.

Bens inventariados: 23 escravos sendo 6 de “gentio da terra” (indígenas); 9 cavalos, 6 porcos, 3 vacas com suas crias; 6.500 mãos de milho; 10 alqueires de feijão; capoeiras “para as bandas do Rio das Mortes” com 6 alqueires de plantações.

Nos censos para pagamento dos quintos, o Cap. Antonio Correa de Alvarenga é recenseado no “bairro de São Gonçalo do Brumado” nos anos de 1715, 1717 e 1720 pagando sobre 23 escravos. Da mesma forma, seu genro João Álvares de Araújo, também morador em São Gonçalo do Brumado, pagou por 12 escravos nos mesmos anos de 1715, 1717 e 1720.



(4) Maria Teodora de Jesus era irmã gêmea de José Antonio de Faria e foram batizados aos 16-04-1769 na capela de Nossa Senhora do Livramento em Prados, filhos de Antonio Rodrigues de Faria e Maria Francisca de São José, netos paternos de Antonio Rodrigues da Costa e Ágda Rodrigues, naturais da freguesia de São Mateus, Ilha do Pico, bispado de Angra e netos maternos de Manoel Rodrigues Garcia e Isabel do Rosário, naturais da dita Ilha e freguesia. Foram padrinhos de batismo José Severino Ribeiro e Maria Miguel Leal Coelho, solteiros, ele natural da freguesia de Prados e ela natural da freguesia de São José (Projeto Compartilhar – Antonio Rodrigues de Faria)

Maria Teodora de Jesus casou aos 10-06-1795 na capela de São Tiago com João Álvares Correa de Alvarenga, sendo testemunhas João Rodrigues de Faria e Antonio Álvares Correa; ele, filho de João Álvares Correia, natural de São José e de Tomasia Maria da Conceição, neto paterno de Domingos Álvares e Maria Correa de Alvarenga, por esta bisneto de Antonio Correa de Alvarenga e sua 2ª mulher Catarina Paes de Camargo.

O casal João Álvares Correa de Alvarenga e Maria Teodora de Jesus, como já anotado, foram pais de: 1. Pedro, batizado na capela de São Tiago aos 23-02-1797, sendo padrinhos o Alferes Pedro Rodrigues de Faria e Tomásia Maria da Conceição; 2. Ana, nascida aos 02-11-1805, batizada aos 10 dias do mesmo mês e ano na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Pium-i; 3. Francisca, nascida aos 29-02-1808, batizada aos 20-03 do mesmo ano na matriz de Nossa Senhora do Livramento de Pium-i (Projeto Compartilhar – Antonio Rodrigues de Faria).

(5) Filhos do casal Manoel José de Castro e Ana Álvares de Jesus: I – Rita, batizada na capela de São Tiago aos 16-06-1793; II – Faustina, batizada na capela de São Tiago aos 30-09-1794; III – Antonio, batizado na capela de São Tiago aos 12-06-1799; IV – João, batizado na capela de São Tiago aos 09-11-1800, sendo padrinhos o Ten. Pedro Rodrigues de Faria e Ana Maria; V – José, batizado aos 06-01-1803 na ermida do Rosário das Laranjeiras, aplicação de São Tiago; VI – Francisco, batizado aos 06-03-1805 na capela de Passatempo; VII – Luiz, batizado aos 13-08-1806 na capela de Passatempo.

(6) A família Álvares Correa tinha concorrida vida social e religiosa, como se percebe em registros da época, a saber:

- João Álvares Correa e Tomasia Maria da Conceição foram padrinhos de José, filho de Manoel Borges Pacheco e Luzia Rodrigues de Assunção aos 06-01-1790 batizado na capela de São João Batista (Projeto Compartilhar – Manoel Borges Pacheco).

- Maria Correa, esposa de Domingos Álvares de Alvarenga, foi madrinha de Manoel Cardoso Osório, filho de Luiz Cardoso Osório e Francisca Gonçalves Branca, batizado na capela da Lage aos 20-08-1753. Padrinho: Manoel Gonçalves de Araujo (Fonte: Décio Martins de Meireiros – asbrap.documentos e revistas – www.asbrap.org.br>documentos>revistas>rev20_art22, acesso aos 16=10-2019, 13:32)

- Maria Correa de Alvarenga, esposa de Domingos Álvares foi madrinha de José Bernardes da Silveira, filho de Bernardo Homem da Silveira e Maria Francisca de Belém, batizado aos 19-09-1757 na capela da Lage. Padrinho: Antonio Francisco Pereira (Bernardo Homem da Silveira – genealogia e inventário de bens de José de Andrade Braga / Projeto Compartilhar – José de Andrade Braga).

- João Álvares Correa e s/m Tomásia Maria da Conceição “moradores da aplicação da capela de São Tiago, da freguesia da vila de São João Del-Rei” foram padrinhos de batismo de sua sobrinha Ana, filha de Antonio Álvares Correa e Dª Vicência Gonçalves de Moura, aos 27-07-1790 na capela da Lage (Resende Costa). (Projeto Compartilhar – Antonio de Oliveira Gago e Ana da Cunha).

Dª Vicência Gonçalves de Moura era filha do Cap. João Gonçalves de Moura, natural da freguesia de Santo Antonio de Soutelinho, arcebispo de Braga e de Dª Maria Genebra, natural da freguesia de Prados, np de Miguel Gonçalves e Maria Pão, da dita freguesia de Santo Antonio de Soutelinho e nm de Luiz Gonçalves Gaya, da freguesia de Senhor da Cruz de Gaia, bispado do Porto e s/m Ana da Cunha, natural da cidade de São Paulo (Projeto Compartilhar – Antonio de Oliveira Gago e Ana da Cunha).

- João Álvares Correa foi testemunha de casamento de Manoel José Pereira e Jacinta Rosa da Conceição aos 09-02-1784 na capela de São Tiago.

DE GENERE VITA ET MORIBUS DE GONÇALO ALVARES CORREA – 1762 – Reg. 0665, armário 04, pasta 06654 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Gonçalo Álvares Correa declarou ser natural e morador na freguesia de Santo Antonio da vila de São José do Rio das Mortes, bispado de Mariana, filho legítimo de Domingos Álvares, natural da freguesia de Nossa Senhora de Viade, termo da vila de Monte Alegre, comarca de Chaves, arcebispo de Braga e de s/m Maria Correa de Alvarenga, natural da freguesia de São João Del-Rei, comarca do Rio das Mortes, batizada aos 12-08-1716 na capela do mestre de campo Ambrósio Caldeira Brant (Livro de batizados fls. 21).

Gonçalo Álvares Correa foi batizado aos 13-04-1744 na capela de Nossa Senhora da Conceição do Mato

Dentro, sendo padrinhos Francisco Correa dos Santos e Ana, solteira, filha do sargento-mór José Álvares Preto (Livro de batismos da capela de Nossa Senhora da Conceição do Mato Dentro, matriz de São José, fls. 26).

Declarou, ademais, ser np de Domingos Álvares, natural da freguesia de Santa Maria de Viade, termo da vila de Monte Alegre, comarca de Chaves, arcebispo de Braga e de s/m Luzia João, natural da freguesia de São Tomé da Parada do Rio, do mesmo termo, comarca e arcebispo e nm de Antonio Correa de Alvarenga, natural da freguesia da vila de Parnaíba, bispado de São Paulo e de s/m Catarina Paes de Camargo, natural da freguesia de Cotia, bispado de São Paulo.

Gonçalo Álvares Correa consta como ordenado aos 24-01-1772.

DE GENERE VITA ET MORIBUS DE ANTONIO ALVES CORREA – 1771 – Rio das Mortes – Reg. 0663, armário 01, pasta 063 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Antonio Alves Correa declarou ser nascido e batizado na freguesia da vila de São José, comarca do Rio das Mortes, filho legítimo de Domingos Álvares, natural da freguesia de Santa Maria de Viade, termo da vila de Monte Alegre, arcebispo de Braga, morador na dita freguesia de São José e de s/m Dª Maria Correa de Alvarenga, já falecida, natural da vila de São João Del-Rei, moradora na freguesia da vila de São José.

Antonio Alves Correa nasceu aos 26-07-1749, batizado aos 03-08-1749 na matriz de Santo Antonio da vila de São José (Tiraden-

tes) (Livro de batismos da Matriz de Santo Antonio fls. 80).

Declarou ainda ser np de Domingos Álvares, natural da freguesia de Santa Maria de Viade, termo da vila de Monte Alegre, arcebispo de Braga, morador na dita freguesia e de s/m Luzia João, natural da freguesia de São Tomé da Parada do Outeiro do mesmo termo e arcebispo, moradora na dita freguesia de Viade; nm de Antonio Correa de Alvarenga, natural da vila de Parnaíba, bispado de São Paulo e de s/m Catarina Paes de Camargo, natural da vila de Cotia, bispado de São Paulo.

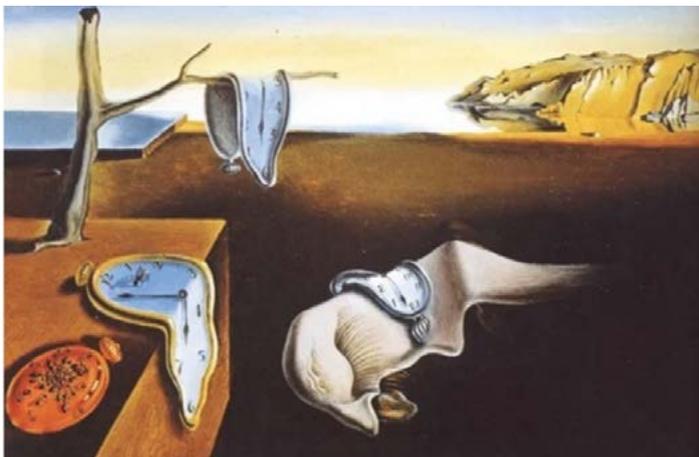
Que seus pais, Domingos Álvares e Maria Correa de Alvarenga casaram-se aos 05-06-1741 na capela de Nossa Senhora da Conceição do Mato Dentro, filial da vila de São José (Livro de casamentos fls. 101v/102).

ANTIGAMENTE

"Existem Mundos Perdidos. Com certeza existem. Se antes eram a nossa realidade, o dia a dia da nossa vida, depois, por alguma interseção, algum desvio ou interrupção na história, migram para cantos isolados e perdidos da memória. Não necessariamente morrem, mas ficam escondidos esperando que sejam lembrados enquanto existirem quem neles viveram ou surjam outros que se importem e queiram conhecê-los."

O Antigamente é um Universo com uma improvável linha de borda que circunscreve todos os Mundos Perdidos.

Foi gratificante procurar o Antigamente na pequena São Tiago de antanho. Antanho é uma palavra tão velha que se adapta bem a este contexto. Também não foi difícil. Foi só deixar fluir. Afinal, são tantas memórias coletivas e compartilhadas que não houve necessidade de muito trabalho de elaboração. Tudo foi saboreado com sentimentos muito nítidos.



A persistência de toda a matéria: Salvador Dalí (tempo e memória)

A palavra Antigamente está se tornando maldita, como também suas variações: "no meu tempo", "quando eu era jovem", "naquela época", etc. Quando ela é proferida em algum círculo social é quase como uma confissão pública de anacronismo, de estar em desacordo com os gostos, usos e costumes atuais, desprezando os avanços da ciência, tecnologia e sociedade. É assumir que não entende seu tempo. O anacrônico que ousou falar a palavra que não deve ser dita será considerado um radical nostálgico, um tipo esquisito que fica martelando eternamente a acusação de que o tomate de hoje tem gosto de agrotóxico, que as frutas de hoje não tem perfume, que a música de hoje é uma barulheira sem significado e que o sabor da comida de fogão a lenha é incomparável! Provavelmente, além de preferências pessoais, existe sentido em alguns destes pontos, o que até chancela uma discussão, mas o que está em jogo não é a procura pela verdade e sim a definição de uma visão de vida e mundo. Aqueles que rotulam o provável anacrônico se esquecem de que o presente é um imperativo filosófico, o futuro é pura esperança e o passado é quem marca nossa existência em imagens propositalmente cinza, em meios tons. Tudo é um pouco verdade e um pouco mentira.

O Antigamente não é sobre a terra natal de xiitas do tempo, que arqueados pela saudade desequilibram a balança puxando-a em favor de um passado maravilhoso em detrimento de um presente triste e sem esperança. O Antigamente é simplesmente um lugar que se pode visitar.

Para o ser humano é natural olhar para o futuro com pretensões de vigiar, analisar e viabilizar alternativas que tragam felicidade, ou

boas fatias de felicidade já que, a plena, se possível é artigo raro. Depois, tarefa árdua, é envergar o futuro na intenção deste caminho. Então, é válido questionar porque não usar o passado em busca dos mesmos objetivos sem o ônus do difícil trabalho final. A felicidade não é uma condição que se estabelece no ser humano, mesmo que momentânea. A felicidade é um sentimento. O passado está repleto de memórias recheadas de alegria que podem ser o motor para se sentir a felicidade. Não é escapismo, não é alienação e não é saudosismo. É um recurso justo, honrado e honesto que a vida oferece e não há nada desabonador em usá-lo. E a tristeza, é obvio que também existe em doses fartas no passado. Aqueles que visitam a tristeza constantemente podem fazê-lo, sem restrições e julgamentos. Só não podem perder a chance de digerir a lembrança, alterar sua essência e buscar um novo significado para ela. Nem que seja uma saudade agridoce.

Temos o direito de visitar o passado, e quando se conquista um direito é necessário cuidado para decidir o que fazer com ele. Sobre outro aspecto, também temos o dever paralelo sobre a mesma pauta, em busca da tolerância, produto escasso e fundamental. Não existem análises e opiniões sem contexto e não existe contexto sem o conhecimento, algo grato a uma viagem de volta no tempo. O passado é o mentor clássico para se aprimorar a tolerância e ensina que fazer escolhas entre alternativas não é necessariamente condenar, massacrar e destruir uma delas.

Ninguém pode ser criticado por gostar de uma música considerada velha. Ninguém pode ser criticado por curtir músicas da moda. Tempo de vida não é qualidade ou defeito: é constatação, medida de parâmetro físico. Gostar ou não é uma decisão pessoal que leva



São Tiago antiga: retirada da internet

em conta toda uma envoltória de circunstâncias, tendo sempre a tolerância a permear este processo.

Não existe maneira fácil de dizer, mas o conceito de Antigamente começa a emitir brilho quando há algum tipo de proximidade com a Morte. Jovens não tem passado.

A Morte se apresenta costumeiramente como um conjunto de três senhoras, irmãs, que atravessam nosso palco e o significado de nossos personagens assumindo versões específicas, com planejamento e senso de oportunidade. A despeito dos nomes masculinos a primeira versão chama-se "Desaparecimento", a segunda "Falecimento" e por último, "Esquecimento".

O Desaparecimento é o primeiro lampejo das irmãs. É a constatação de que o mundo tal qual o conhecemos está evaporando ou se diluindo, como naquela imagem premonitória que mostra as estrelas começando a se apagar, uma a uma, primeiro em modo lento e depois em ritmo desesperado. Há uma perda constante de signifi-



Ampulheta: fonte br.freepik.com

cados e valores. O mundo sólido ou desaparece, ou se transforma ou se desloca levando pessoas próximas ou ao nosso alcance e lugares por onde passamos. Arte, cultura e objetos que foram nossos se transportam deixando um vácuo em nossas possibilidades: “o meu tio que sabia tudo sobre aquele assunto partiu!”, “aquele casarão virou um predinho de três andares!”, “o cantor sicrano está sumido!”, “aquela estradinha foi engolida pelo mato depois que o asfalto chegou!”, “não encontraram meu almofariz de bronze!”. A tudo isso sobrevém uma sensação de estranheza, de desorientação e inabilidade para certas tarefas da vida.

A segunda versão da senhora Morte é a morte propriamente dita, o Falecimento. Esta, que dizem ser a principal integrante do grupo, é poderosa física e filosoficamente, temida, inevitável e implacável. Do ponto de vista estratégico pode ser a mais simples! Por não sermos páreo para a vencedora perpetua, resta-nos tentar negociar as condições de rendição valorizando a honra de uma boa vida bem vivida, os melhores sentimentos e a felicidade pela consciência de que valeu a pena. Mas, demorado ou rápido, justo ou não, com sofrimento ou tranquilidade, ainda não é o final.

A terceira e última versão é o Esquecimento. Se apresenta quando nosso nome não será mais pronunciado por falta de quem o saiba. As referências que deixamos junto aos nossos rastros na vida serão descartadas, sairão do catálogo ou se perderão. A memória sobre nossa existência é o nosso braço mais longo esticado em direção ao futuro e deveríamos, por sobrevivência, zelar mais por ela.

Muito pouco se pode fazer diretamente contra o Esquecimento, pois ali as cartas já estarão postas e estaremos ausentes. Muito menos quanto ao Falecimento, quando as favas já foram contadas. Quanto ao Desaparecimento, aí sim, talvez haja batalha que valha ser escolhida, mesmo com derrota presumida. Guerrilha de escaramuças pontuais! Visitar o Antigamente com o nosso melhor arbítrio e buscar aliados, tropas e armamentos. Esticar a luta, endurecer o jogo e deixar um sorriso amarelo no futuro vencedor. Sem parábolas, preservar as memórias que valem a pena ser preservadas pelo tempo que forem merecedoras. Viver bem a vida nos termos de quem constrói uma história. Lembrar e ser lembrado. Amar e ser feliz para ser lembrado e não esquecido por muito tempo adentro do tempo, pois indiretamente estaremos digladiando com o Esquecimento e movendo as correntes das fronteiras a nosso favor.

Existem argumentos sustentando uma tese que define o Antigamente como o lugar de morada de nossa melhor versão, onde estão presentes as conquistas dos objetivos mais elevados e também onde fomos mais felizes. Entretanto, não! No Antigamente estão os arquivos binários de nossas vidas, compostos de felicidades e tristezas, fracassos e sucessos, celebrações e perdas. Pinçar o melhor é uma estratégia de sobrevivência e não uma confissão de parcialidade. O lado otimista da memória tem tamanha força que eventualmente provoca o fenômeno da saudade de um tempo não vivido. Uma pessoa, ao contemplar fotos ou filmes amarelecidos pelo tempo, sente uma angustiante e poderosa convicção de ter vivido naquela época e local, mesmo consciente da impossibilidade. Ali ele deveria estar, pois com certeza aquele era seu lugar no mundo.

O passado não abre todas as portas de todas as memórias para o ser humano, pois este não resistiria, e além do mais a maior parte delas foi perdida, escondida ou esquecida. As lembranças não necessitam de exagero de detalhes e informações para uma reprodução hiper-realista. Basta criar um quadro sugestivo que aguce os sentimentos. A propósito, o culto escritor argentino Jorge Luiz Borges escreveu uma página com um único grande parágrafo sob o título “Sobre o rigor da ciência”, onde informa a existência de um Império onde as Artes Cartográficas evoluíram ao máximo em busca da perfeição. Em certo instante “o mapa de uma Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do Império toda uma Província”. Com o passar do tempo produziram “um mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele”. Os homens abominaram e abandonaram tal monstruosidade arrogante esquecendo-a no deserto, sob o sol e as intempéries, rumo ao pó. Pelo nosso bem nossas memórias possuem naturalmente a sabedoria que faltou ao mapa do Império.

Aquele que decide se arriscar no campo do memorialismo, mesmo que de forma coloquial e amadora, fica sujeito a riscos inerentes da atividade. Deve também assumir certas responsabilidades. Naquilo que é realmente fundamental remexer no caldeirão da memória é tocar na história de outros, sua reputação e seu legado. A primeira e a mais importante responsabilidade a ser atendida é a verdade. A mentira com dolo é inadmissível e ofende a vida de muitos no passado no presente. É preciso não ser enganado pelo passado. Ele é mestre nessa arte nos incentivando a acreditar que a verdade era outra coisa. É preciso também não ser enganado por si mesmo quando se cria inconscientemente uma lembrança que apesar de falsa tem todos os elementos do que poderia ter sido muito real. Mas, para as pequenas e simples lembranças esse rigor é exagerado. Não se trata de jornalismo investigativo imperativamente preciso nem de ficção em total liberdade de criação. São memórias, as nossas memórias. Não faz mal bordar um pouco, retocar o colorido, extrapolar o presumido, contar levemente diferente e esconder algo inocente. Distraidamente mudar um nome, uma data ou um local sempre será perdoado.

Muitos preferem e exigem termos com resumo. Então, que seja. O passado não é uma enorme mochila que se carrega ostensiva e continuamente nas costas, cheias de armas e venenos destinadas a atacar o presente. Ele é simplesmente uma das peças do veículo que leva os homens para o futuro, tão importante quanto quaisquer outras. O futuro é a viagem humana. Só não se pode esquecer que toda viagem também tem um começo.

Afinal, no último ponto desta peregrinação por Mundos Perdidos, é possível deixar um recado desprezioso escrito num pe-



São Tiago antiga: retirada da internet

dacinho de papel largado sobre a mesa da cozinha, ao lado do bule de café e as quitandas de polvilho. Para que todos vejam, uma simples e suave percepção. Percepção obtida sem a ansiedade e a arrogância dos que pretendem arrancar de qualquer coisa e a qualquer custo um ensinamento fundamental e imprescindível. Uma percepção que sopra em nossos ouvidos, como fazem os anjos, uma humilde sugestão: - Contem histórias! Por Antigamente e pelo futuro! Contem histórias!

Fabio Antônio Caputo, Engenheiro civil aposentado e ouvinte atento de nossas histórias

DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SANJOANIDADES

MESTRE NÃO É QUEM SEMPRE ENSINA,
 MAS QUEM DE REPENTE APRENDE
 [Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

ANTIGA PAISAGEM (02-10-95)

Olhando em meus olhos, cansados das lidas,
 As coisas passadas, no tempo perdidas,
 Me disse, uma vez, uma jovem cigana.
 Falou-me de tudo, tintim por tintim,
 Com muitos detalhes, lembrando-me, assim,
 De antiga paisagem que o tempo não empana.

Eu vejo (ela disse) uma humilde casinha,
 Um carro de bois, de três juntas, que vinha
 Da roça a cantar, carregado de milho.
 Um verde cruzeiro, uma rês no curral;
 Na curva da estrada, num manso animal,
 Um pai, na garupa, levando seu filho.
 Eu vejo uma mãe, costurando memórias;
 Mosaico de cores, de sons e de histórias,
 Fazendo uma colcha de lindos retalhos.
 Irmãos e irmãs, de primeiro, eram sete:
 Francisco, o mais velho; a mais nova, Salete.
 Família irmanada com muitos trabalhos.

Eu vejo, distante, há um galo cantando
 E quérulas vozes, alegres, em bando,
 De mil maritacas, em giros, no céu.
 E tenros pintinhos, debaixo das asas
 Da brava galinha, na beira da casa,
 Que um gavião vem grasnando: pinhéu!

Eu vejo um paiol e um porquinho caruncho,
 Grunhindo escondido na moita de funcho,
 Ao lado do forno, comendo mandioca.
 Enquanto lá dentro se faz no fogão
 A janta gostosa de angu com feijão,
 Vai gente seis canas moer na engenhocá.

Eu vejo o polvilho branquinho de junho,
 E sinto a girar o rodízio do munho,

Com perto o arame de roupas no ar.
 É um mundo de cores, de sons e doçura,
 Onde ouve-se a voz da feliz saracura,
 Mamãe Maricota! no rio, a gritar.

Eu vejo, e arrepio, na gruta tão bela,
 Acima do cocho, num pé de canela,
 Pendendo esticado, um couro de vaca.
 Há um rego, lá embaixo, correndo p'ra bica,
 E a horta de couves que ao lado lhe fica,
 Com chifres de bois enfiados na estaca.

Eu vejo, ai que lindo, a ciscar no farelo,
 De arroz ou fubá, num círculo amarelo,
 Dezenas, talvez, de fiéis canarinhos.
 Um gato e um cachorro, de nome Veludo.
 Meu Deus, é tão pouco, e parece, contudo,
 Um conto de fadas, de amor e carinhos!

Eu vejo, também, misteriosos, morenos,
 Dois lagos profundos, de lágrimas plenos,
 Que não se enquadram na alegre paisagem.
 Refluem de suas águas, translúcidas, mansas,
 Soluços baixinhos por tantas lembranças,
 Que apenas suponho uma falsa miragem.

Oh não (repliquei), minha doce cigana,
 Tudo isso está certo, você não se engana!
 Os lagos, presentes na sua visão,
 São os olhos de um velho, cansados, tristonhos,
 Chorando saudades de um mundo de sonhos,
 Perdido no fundo do meu coração.

FATALIDADE (14-05-94)

Um dia, faz tempo, faz anos, suponho,
 Num lindo barquinho, eu depus o meu sonho,
 Nas ondas do mar.

Quando eis de repente, tomado de medo,
 No oceano revolto, eu vi meu brinquedo,
 Veloz a singrar...

Assim traiçoeiro, no dorso das vagas,
 O mar inconstante levou longes plagas,
 A minha ilusão...
 Da praia deserta, na tarde sombria,
 Fiquei contemplando a visão que fugia
 Do meu coração...

E nesta paixão vou lembrando os extremos
 Do amor que outrora bem juntos vivemos,
 Ó meu bem-querer!
 Pois hei de cumprir o fiel juramento
 De ti, que revives no meu pensamento,
 Jamais esquecer.

Enquanto perdura esta minha agonia,
 Somente a saudade me faz companhia,
 Comigo a morar...
 E quando eu deliro, no meu desengano,
 Sonhando, procuro, em vão, no oceano,
 Um barco a voltar...

Quem sabe se, um dia, esta louca saudade
 Que sinto em minha alma, na felicidade
 De amar, terá fim?!...
 Então, quem me dera, este meu desatino,
 Fatal crueldade de um duro destino,
 Findasse p'ra mim?!

SAUDADES 15 - 09 - 22

Ó pai, ó minha mãe, por onde andais?
 Pedro e Cristina, oh vinde me amparar!
 Quem dera se eu pudesse, uma vez mais,
 Mirar-me, como outrora, em vosso olhar!

Chico e Zito, a pensar na vida iguais,
 O trole vão na linha a empurrar,
 Até que o trem passou, p'ra nunca mais,
 Deixando-lhes a dor de recordar.

Domingos, sonhador, meu bom irmão
 Das tardes venturosas do Teixeira.
 Meiga Zita, em cismar, na soledade.
 Da janela cuidando, em oração,
 Hilda: amor era só, a vida inteira.
 Eu e Salete... Nunca mais... Saudade!

CENA DOMÉSTICA: EM 1942

06 – 10 – 22

Ao lembrar nossa casa e seu velho fogão,
 O que mais me recorre e, portanto, era tudo,
 Com certeza, é a cozinha, onde um gato veludo,
 No calor se aquecia da pedra sabão.

A cadeira de couro, uma tábua, o pilão,
 Um varal de linguças... Um caso pançudo.
 Um passado tão bom que ora jaz oco e mudo,
 Nas imensas funduras do meu coração.

Toda noite o café se bebia de aromas,
 Com palavras pingadas de ocultos sintomas,
 Aos lampejos das chamas e das lamparinas.

Ao depois, lava-pés, dentro a mesma bacia;
 Bênção, pai! bênção, mãe! E p'ra cama se ia,
 Noite inteira a sonhar nossas coisas meninas.

NEVER MORE

11 – 01 – 23

Girando eu, astronauta, em torno vou do sol,
 Em noites, contemplando a lua e as estrelas,
 Mesmo que sem poder eu nunca entendê-las,
 Bilac, eu de as ouvir só me impede o arrebol.

Nessas longes distâncias de seus anos-luz,
 Como a Pascal outrora, o mundo me confrange.
 Sim! Apostar em Deus é o que melhor me tange
 Esse Mistério oculto à sombra de uma cruz.

Ah Newton, desses teus espaços siderais,
 Eu, finitude efêmera, já quase finda,
 Uma questão me ocorre, aos anos meus finais:

Depois de me descer às tumbas sepulcrais,
 Responde-me Allan Poe: os céus verei ainda?
 E o Corvo assim grasnou-me: Ah, nunca, nunca mais!

TESTAMENTO

(12-05-95)

Na minha terra, em Conceição da Barra,
 Berço querido que me viu menino,
 Existe alguém que o coração me amarra,
 Com laços puros de um amor divino.
 Em sua honra, qual senil cigarra,
 Morrer eu quero lhe cantando um hino.
 Antes, porém, com sua voz bizarra,
 Quero, também, ainda ouvir seu sino.

E, quando, à tarde, o sol lá no Ocidente,
 Barca de sonhos, se afundar na serra,
 Minha alma a Deus entregarei contente.

E, então, na tumba que meus pais encerra,
 Este meu corpo deixarei, semente,
 No solo amado e bom da minha terra.

LETRAS ENCOMENDADAS

**DIFICULTOSO, MESMO, É UM SABER O QUE QUER E
 TER O PODER DE IR ATÉ NO RABO DA PALAVRA**

[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

CONCEIÇÃO DA BARRA

1990

Salve Terra formosa de Minas,
 Meu materno e querido rincão,
 Tu me lembras, nas belas colinas,
 De Maria a feliz Conceição.

Foram muitos teus filhos notáveis
 Por virtude e valor sem igual.
 Foram tantos os que, memoráveis,
 Te fizeram o nome imortal.

Nos albores da Pátria Mineira,
 Quando a mata era virgem em redor,
 Junto às trilhas da antiga bandeira,
 Tu surgiste – Bel' Ninho de Amor!

Glória! Salve! A Senhora tão pura,
 Em seu trono de luz refulgente,
 Que ela seja qual mãe de ternura,
 Protegendo e salvando a sua gente.

Eia! Vamos, ó concepcionistas,
 Todos juntos, cantemos de pé,
 Como filhos amados, valentes,
 Nosso amor a esta terra de fé!

Vinde todos, ó concepcionistas,
 Eia, sus! Protestemos de pé.
 Como filhos amados, valentes,
 Nosso amor a esta terra de fé!

ESCOLA ESTADUAL ADÍLIO JOSÉ BORGES

(19-07-97)

Salve Escola, que a luta renhida
 Deste mundo a vencer nos ensinas!
 Tu és luz, és calor e és vida,
 Como o sol sobre nossas colinas.

Há sementes de fé e esperança
 Para o povo tão bom desta terra.

Qual, outrora, os viris bandeirantes
 Estas plagas vararam altivos,
 Nós também, hoje, vamos ovantes,
 Descobrimo o saber que há nos livros.

Pelo bem que nos fazes agora,
 Num convívio de paz e amizade,
 Quando formos daqui, mundo à fora,
 Lembraremos de ti, com saudade.

No sorriso de cada criança,
 Onde todo o futuro se encerra,

Salve, pois, nossa Escola querida,
 Que os caminhos do bem nos ensinas!
 Tu és luz, és calor e és vida,
 Como o sol nestas nossas colinas!

SÃO GONÇALO GARCIA

(1998)

São Gonçalo Garcia querido,
 Neste canto, em uníssona voz,
 Aqui vimos fazer-te um pedido:
 Que ao Senhor intercedas por nós.

De Francisco de Assis a humildade
 De irmão leigo quiseste seguir,
 Faze, pois, nesta tua Irmandade,
 Tal virtude constante existir.

Lá nas terras distantes do mundo,
 Com São Pedro Batista, em prol d'almas,
 Derramaste o teu sangue fecundo
 Que em martírios floriu noutras palmas.

Para a messe que, vasta, loureja,
 Roga a Deus missionários haver.
 Que o exemplo de amor pela Igreja
 Saibam todos contigo aprender.

São Gonçalo Garcia querido,
 Neste canto em uníssona voz,
 Aqui vimos fazer-te um pedido:
 De jamais te esqueceres de nós!

O DIA EM QUE O MAESTRO ENNIO MORRICONE VISITOU SÃO TIAGO

Na minha despreziosa vida, não sei se longa ou curta, nunca imaginei ou ousei considerar a hipótese, mesmo em forma de pensamento sonhado, de escutar a música “The Ecstasy of Gold” tocada em um palco da Festa do Café com Biscoito.

No entanto, às 20h30min do dia 08/09/2023 o seu autor, o Maestro/Mestre Ennio Morricone (redundância proposital) nos visitou em espírito musical puxado por uma carruagem de som pesado da Banda Metallica na apresentação de abertura da Lira Imaculada Conceição em sua versão Rock Band, comandada pelo Maestro Tássio Resende, na XXIII Festa do Café com Biscoito.



Fonte: cultura.uol.com.br – Maestro Ennio Morricone

O concerto noturno foi especial, tão especial que está além desta singela opinião, e pode ser resumido em duas frases ocasionais ditas ao alcance do meu ouvido no meio da multidão. Um passante perguntou: “- Todo esse pessoal (os músicos) são daqui?!”, como se fosse uma admiração movida por uma improbabilidade. Em outro instante minha esposa disse: “- É a nossa gente!”, no mais completo orgulho construído de alegria.

O maestro e arranjador romano Ennio Morricone (1928-2020) construiu uma carreira exponencial durante aproximadamente sete décadas trabalhando em partituras para cinema e teatro, jazz, peças clássicas e músicas para cantores populares. Sua marca mais reluzente era uma excepcional capacidade de manusear a harmonia e a melodia, com resultados sensíveis e tocantes. Por ironia conseguiu um ápice pontual ao trabalhar com o diretor italiano Sergio Leone criando as trilhas sonoras para os faroestes italianos (western spaghetti), um gênero bruto de histórias brutas. Para este gênero cinematográfico, de sua criatividade saíram peças que provocam um encantamento emocional, sentimental mesmo, inclusive a música em questão, pertencente à trilha sonora de “Três homens em conflito / O bom, o mau e o feio”, o fechamento da trilogia do Homem Sem Nome, delineando na cena final do trielo (duelo de três!) o efeito da ambição no ser humano.

Os idealizadores e gestores do projeto Lira Imaculada Conceição Rock Band foram extremamente felizes e eficientes na concepção da estratégia a ser adotada. Muitas atividades artesanais, práticas culturais, pequenas profissões, costumes domésticos e familiares correm o risco de desaparecimento pela falta de sangue jovem para continuar existindo. É difícil manter o interesse de novas gerações em coisas e atividades que não dialogam com sua época. De certa forma muitos de nós somos afilhados do rock, mesmo não sendo roqueiros. O rock básico do final dos anos 50’s se transmutou em pop rock para depois evoluir em uma árvore com dezenas de estilos e subgêneros, e isso está presente em nossa formação. Este material que está inserido em nossa construção de personalidade favorece o ingresso de jovens instrumentistas na instituição, prati-

cando a música num ambiente bem mais próximo à sua realidade. Nas palavras do Maestro Tássio isto é uma questão de sobrevivência, de resistência, de dar continuidade à vida da banda.

São Tiago é uma cidade interiorana que possui uma veia de rock peculiar, interessante e até um pouco inesperada. Não é majoritária, mas é importante. É o pão que resultou de uma massa muito bem soada nos bailes do Clube pelos Magnatas do Som e outros conjuntos. Às vezes acontece de ao se andar pelas ruas mais afastadas, mais silenciosas e bucólicas, ser assaltado por algum riff de guitarra saindo de algum aparelho de som e por uma janela. Isso joga a favor do projeto Rock Band.



Fonte: internet

Na apresentação o repertório navegou pelo rock pós Beatles dos últimos quase sessenta anos revisitando clássicos de várias vertentes, democraticamente. Contou com os vocais de uma banda de apoio afiada e um coral afinado. Nos trechos de maior grandiloquência musical chegaram a empolgar com um som poderoso, bem alto, mas de qualidade.

Um documentário recente sobre a carreira e obra do maestro Morricone destaca o fato de sua personalidade ser gentil, pacífica e suave. O turbilhão de criatividade que existia dentro dele não o tornou arrogante. Talvez um pouco desconectado do mundo, mas isso não importa, pois se o maestro estivesse realmente aqui naquele dia ele não ficaria alheio ao concerto que assistimos. Ele entenderia o esforço que aqueles adultos e jovens fizeram e faziam para estar lá em cima naquele palco, para enfrentar o crivo de uma plateia que talvez não entendesse bem o que estava acontecendo,



Fonte: vídeo de Bruno Caputo e Michele Santana – Maestro Tássio Resende

vencendo as limitações de aprendizado, as limitações técnicas de execução e também as limitações de equipamento. Como conhecedor de música e por consequência de seres humanos ele perceberia em nossos rostos um misto de alegria e contentamento por estarmos presentes, testemunhando e fruindo a música.

E não esqueça de que ali estava, muito antes do rock, a nossa Banda, a nossa Furiosa de dobrados e marchas, dona de registros afetivos. A nossa gente fez um belíssimo espetáculo, com a simplicidade característica deste povo, marcante para aqueles que dão importância à sua memória musical. Em agradecimento devolveremos aos dois maestros o que merecem e o que eu acredito que sejam: aplausos, um obrigado e um sorriso.

Fabio Antônio Caputo



O ano de 2023 tem um significado especial para a Disney, pois há 100 anos foi oficialmente criada a The Walt Disney Company

Nesta matéria, vamos mostrar tudo sobre as comemorações dos “100 anos de magia” da Disney

UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1923, foi criado o Disney Brothers Cartoon Studio, que hoje é conhecido como The Walt Disney Company, empresa responsável pelos parques que aprendemos a admirar desde 1955. Uma curiosidade a respeito deste início é que é muito comum dizer que tudo começou com um rato, em uma referência ao Mickey Mouse, o primeiro e mais marcante personagem da empresa. No entanto, o que

talvez pouca gente saiba é que ele apareceu só em 1928, em um desenho chamado Steamboat Willie.

Os primeiros anos do estúdio foram dedicados à produção de uma série de TV conhecida como Alice Comedies, que introduziu o personagem Oswald, um coelho “sortudo”. Ele deixou de pertencer à Disney por um bom tempo, mas hoje está de novo na empresa. Infelizmente, para quem curte história, o personagem faz raras aparições nos parques e é mais comum encontrá-lo em alguns dos itens de merchandise.

Já o famoso Mickey Mouse é figurinha fácil e basicamente onipresente nos parques pelo mundo. Inclusive, foi graças ao sucesso do personagem que permitiu à Walt Disney de realizar o seu sonho de um filme. Em 1937, foi estreado, então, o primeiro longa da empresa: o clássico Branca de Neve e os Sete Anões.

De lá pra cá, muitas coisas aconteceram, dentre elas mais de 60 filmes animados. Isso sem contar os inúmeros outros filmes feitos para o cinema e TV, que criaram personagens que passamos adorar na infância e também na vida adulta.



AS COMEMORAÇÕES DE 100 ANOS

Já não é de hoje que as comemorações da Disney existem e há tempos elas deixaram de acontecer em único dia – na verdade, os eventos agora duram 1 ano ou até mais. Aliás, um alerta para ninguém ficar confuso: neste ano, está sendo celebrado os 100 anos da empresa Disney e, ao mesmo tempo está se encerrando, os 50 anos de inauguração do parque Magic Kingdom, ou seja, do início do Walt Disney World em Orlando.

No caso dos 100 anos da empresa, o centro das comemorações vai ser o Disneyland Resort na Califórnia e, no último dia 27, os seus dois parques, Disneyland Park e Disney California Adventure, tiveram o início oficial das festividades.



CICLO DO OURO

O Ciclo do Ouro foi o ciclo econômico no qual a mineração foi a principal atividade econômica do Brasil. Aconteceu durante o século XVIII e se concentrou em Minas Gerais.

Por Daniel Neves Silva

Com a descoberta de ouro em Minas Gerais, uma das cidades que surgiram foi Vila Rica (atual Ouro Preto).

Ciclo de Ouro é o nome pelo qual se conhece o período da mineração durante a colonização portuguesa. Essa fase econômica se estendeu ao longo do século XVIII e existiu enquanto a extração de ouro foi a principal atividade econômica praticada no Brasil. O ouro foi descoberto pelos bandeirantes paulistas que viajavam por Minas Gerais em 1695.

O Ciclo do Ouro atraiu milhares de pessoas para Minas Gerais, interessadas em enriquecer por meio da mineração. Durante essa fase, o Sudeste se tornou a região economicamente hegemônica do país. Os portugueses estabeleceram uma rigorosa política de impostos na região mineradora, cobrando impostos como quinto, capitação e derrama.

RESUMO SOBRE O CICLO DO OURO

- Ciclo do Ouro é o nome do ciclo econômico que se desenvolveu com base na mineração no Brasil, durante o século XVIII.
- As três regiões que concentravam o ouro eram Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.
- O ouro foi descoberto em 1695, próximo a Sabará, por bandeirantes paulistas.
- Os portugueses cobravam muitos impostos do ouro extraído de Minas Gerais, e o quinto era o principal deles.
- Uma série de revoltas e disputas aconteceu na região mineradora, como a Inconfidência Mineira.

O QUE FOI O CICLO DO OURO?

O Ciclo do Ouro foi um dos ciclos da economia brasileira ao longo do período da colonização, sendo esse o momento correspondente à descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais e ao início da mineração como atividade econômica durante o período colonial. O ciclo da mineração se estendeu ao longo do século XVIII, mas, nas últimas décadas desse século, a atividade já estava em decadência.

O ciclo da mineração colocou fim no ciclo do açúcar, sendo que a produção açucareira já estava em decadência no Brasil devido à concorrência do açúcar produzido pelos holandeses no Caribe. Com isso, o centro da economia colonial foi transferido do Nordeste para o Sudeste.

Assim, a capital do Brasil foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, em meados do século XVIII. Isso porque o Rio de Janeiro era mais próximo dos centros de mineração, portanto, era mais fácil manter um controle sobre essa atividade econômica do Rio de Janeiro do que de Salvador.

Além disso, o Ciclo do Ouro fez com que Minas Gerais recebesse milhares de habitantes, compostos por pessoas interessadas em trabalhar na mineração e enriquecer dessa atividade bem como por um grande número de africanos escravizados, trazidos para realizar todo tipo de trabalho na região.

A chegada de milhares de pessoas em Minas Gerais fez com que diversas cidades surgissem na região, transformando aquela capitania em um dos locais mais urbanizados do Brasil Colônia. Diversas cidades, como Ouro Preto, Sabará, Diamantina, São João del Rei, Tiradentes, entre outras, surgiram durante o período da mineração.

Além disso, a notícia da descoberta do ouro atraiu milhares de pessoas de Portugal para o Brasil, e o historiador Boris Fausto afirma que, nos primeiros 60 anos do século XVIII, cerca de 600 mil pessoas vieram de Portugal para o Brasil, representando uma média de até 10 mil pessoas que se mudavam para cá a cada ano.

COMO FUNCIONAVA O CICLO DO OURO

Durante o período da mineração, existiram pessoas que dedicavam o seu próprio esforço na procura dos metais preciosos, e o método de exploração exercido por elas recebeu o nome de faiscação. A faiscação era realizada quando uma pessoa livre revirava o solo à procura de ouro. Colonos mais ricos compravam escravos e os colocavam para trabalhar na extração do ouro. O método de exploração realizado por eles era mais complexo e recebeu o nome de lavras.

O desenvolvimento do núcleo minerador em Minas Gerais fez com



que Portugal estabelecesse mecanismos para controlar o que era extraído e implantasse uma rígida política fiscal na região. O imposto mais tradicional cobrado por Portugal era o quinto, que estabelecia que a quinta parte de todo o ouro extraído (isto é, 20%) deveria ser recolhida como imposto.

Inicialmente, uma parte expressiva do ouro extraído era contrabandeada, fugindo assim da fiscalização portuguesa. Uma forma encontrada por Portugal para evitar o contrabando foi criar as casas de fundição, onde o quinto era cobrado e o restante do ouro era devolvido a quem pertencia em barras com um selo indicando que a cobrança havia sido feita.

Posteriormente, Portugal estabeleceu a capitação, um imposto pelo qual se cobrava certa quantia de ouro de todos aqueles que possuíam escravos africanos. Os que trabalhavam na mineração e não utilizavam escravos pagavam esse imposto de maneira individualizada.

Por fim, caso a quantia de ouro arrecadada não atingisse a meta estabelecida por Portugal, a Coroa poderia iniciar uma derrama. A derrama era um imposto compulsório cobrado de todos para fazer com que a meta de ouro anual (1500 quilos de ouro) fosse alcançada.

CONFLITOS DURANTE O CICLO DO OURO

Essa política rigorosa de impostos cobrada pela Coroa portuguesa gerava grande insatisfação nos colonos, e revoltas foram organizadas em Minas Gerais como demonstração de que a política fiscal de Portugal não agradava. Essa insatisfação resultou na Revolta de Vila Rica, em 1720, e na Inconfidência Mineira, desbaratada em 1789.

Outro importante conflito que aconteceu na região foi a Guerra dos Emboabas, de 1707 a 1709. Foi motivado pelo interesse dos paulistas de controlarem a atividade mineradora em Minas Gerais. Os paulistas, que encontraram o ouro lá, não concordavam em dividir as minas com os emboabas, nome pelo qual eles se referiam aos forasteiros que não eram paulistas.

Os paulistas foram derrotados, e Portugal determinou que eles não controlariam a atividade mineira. Forçados a abandonarem Minas Gerais, muitos paulistas foram procurar ouro em outras regiões do Brasil, encontrando-o em Cuiabá, em 1722, e em Minas de Vila Boa, em 1727.

DESCOBERTA DO OURO NO BRASIL COLÔNIA

O ouro sempre foi um intento dos portugueses em relação ao Brasil, e esse desejo se tornou mais contundente ainda quando foram descobertas grandes quantidades de ouro e prata nas colônias espanholas na América. Aqui, no entanto, o ouro só foi descoberto na década de 1690 por bandeirantes que estavam passando pela região de Minas Gerais.

Os bandeirantes encontraram ouro nas proximidades de onde atualmente se localiza Sabará, sendo que a matéria encontrada foi o ouro de aluvião, achado no leito dos rios, sendo necessário remexer o leito dos rios e peneirar a terra para então encontrar as pequenas pedras de ouro. Nesse momento inicial, o ouro era encontrado em grandes quantidades.

A notícia de que havia sido encontrado ouro em Minas Gerais chegou à capital, Salvador, em 1697, e atraiu milhares de pessoas interessadas em enriquecer rapidamente. Já em 1711, as primeiras vilas foram criadas na região: Nossa Senhora do Carmo (atual Mariana), Vila Rica (atual Ouro Preto) e Nossa Senhora da Conceição do Sabará (Sabará).

Atribui-se que o ouro em Minas Gerais foi descoberto por Borba Gato em 1695, e, ao longo do século XVIII, também foi descoberto ouro no Mato Grosso e em Goiás, levando o Ciclo do Ouro para esses locais. Em 1730, achou-se ainda diamantes na região do Serro Frio, também em Minas Gerais.

“I am become death”: Oppenheimer e Raul Seixas citaram o mesmo poema hindu

Entenda o verso que parece ter um erro gramatical, que está na mesma escritura por trás da canção Gita, e que consolou o pai da bomba atômica – por ser um incentivo para um guerreiro que sentia remorso por matar.

por Bruno Vaiano

A citação mais conhecida do físico J. Robert Oppenheimer – “pai” da bomba atômica biografado no filme novo de Christopher Nolan – não é dele. É um verso do poema épico hindu *Baghavad Gita* (título que se traduz por algo como “canção do bem-aventurado”), escrito em sânscrito no quarto século antes de Cristo.

Mais precisamente, o primeiro da trigésima segunda estrofe, que Oppenheimer traduziu assim:

Now I am become death, the destroyer of worlds.

“Agora eu me tornei a morte, o destruidor de mundos.”

Oppenheimer cita o verso em um depoimento gravado após a 2ª Guerra – o físico narra, para uma câmera, a reação de sua equipe no momento da detonação bem-sucedida da primeira bomba atômica no Novo México em 1945. Esse foi o único teste antes dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. Aqui vai a transcrição completa de sua entrevista:

“Nós sabíamos que o mundo havia mudado para sempre. Algumas pessoas riram, outras choraram, a maioria ficou em silêncio absoluto. Eu me lembrei de um verso da escritura hindu *Baghavad Gita* em que Vishnu está tentando persuadir o príncipe de que ele deve cumprir seu dever, e para impressioná-lo, assume sua forma de muitos braços e diz: ‘Agora eu me tornei a morte, o destruidor de mundos’. Acho que todos nós sentimos isso, de uma maneira ou outra.”

O *Baghavad Gita* é uma das várias escrituras sagradas do hinduísmo e recebeu dezenas de traduções para o inglês e outras línguas europeias ao longo de séculos. Oppenheimer sabia ler sânscrito – de fato, com 25 anos, ele já falava seis línguas – e é provável que tenha traduzido o verso de cabeça ou errado ao citá-lo de memória, já que sua versão não corresponde ao pé da letra a nenhuma versão do poema em inglês.

Quem sabe falar (mesmo que só um pouquinho) de inglês, quando se depara com a citação, sempre acha estranha a estrutura “I am become”. Os falantes nativos também acham, e perguntam internet afora se ela está errada. A resposta é “não”: ela só é arcaica. Vamos explicar.

O inglês de hoje nos dá três possibilidades de conjugação verbal, no contexto desse verso:

I become (o presente, “eu me torno”);

I have become (o presente perfeito, “eu me tornei”);

I became (o passado simples, “eu me tornei”).

Uma delas, o presente perfeito de *I have become*, não tem uma tradução ou equivalência exatas no português, o que a torna uma eterna dificuldade para os estudantes. A diferença entre *I have become* e *I became* – e os critérios para escolher um ou outro – tem a ver com algumas sutilezas.

De maneira muito simplificada, é o seguinte: se a ação começa e termina no passado, sem influenciar o presente, você tende a usar o passado simples: *I ate acarajé when I went to Bahia*, “eu comi acarajé quando fui pra Bahia”.

Por outro lado, se algo rolou no passado mas tem desdobramentos no presente, ou continua rolando no presente, o presente perfeito é a escolha certa de tempo verbal: *I have loved her all my life*, “eu a amei por toda minha vida.”

O *I am become* escolhido por Oppenheimer, que usa o verbo *to be* em vez do verbo *to have*, é um jeito antigo de conjugar o presente perfeito. Aparece também em peças de Shakespeare e na Bíblia do Rei James, que é uma das versões mais famosas do livro sagrado cristão em países anglófonos.

É provável, claro, que o físico tenha optado por essa forma justamente porque ele aparece em outras peças literárias antigas e cultuadas – o que lhe dá um sabor solene, condizente com a explosão de uma bomba atômica.

O TEMPO E A MORTE

Mais interessante do que o jeitinho épico de conjugar o verbo, porém, é a escolha da palavra “morte”. O termo original, em sânscrito, significa “tempo” ao pé da letra – e a maior parte dos tradutores opta por “eu sou o tempo”, mesmo (você pode ver uma lista com dezenas de traduções possíveis do verso aqui, no site de Harvard).

Faz sentido que “morte” e “tempo” sejam intercambiáveis nesse contexto, já que o tempo é um destruidor inevitável de quaisquer mundos: tudo, até a própria Terra, vai desaparecer um dia.

Traduzir poesia não é um trabalho literal. Se você só olha o significado de cada palavra estrangeira no dicionário e então tenta transcrevê-la na sua língua natal, todo o resto se perde: as rimas, a métrica dos versos, as sacadas. É só tentar cantar uma música em inglês em português para entender por que poemas são, por definição, intraduzíveis:

I'm in love with the shape of you.

“Eu estou apaixonado pelo formato de você.”

(Desculpa, Ed Sheeran.)



Porém, se você fizer um esforcinho para se adequar à métrica, o verso fica cantável:

“Me apaixonei por suas formas.”

Note que foi preciso mexer com a gramática para encaixar a letra traduzida na melodia da música original. Traduzir poesia é isso: escrever um poema novo que remeta ao antigo da maneira mais completa possível. Considerar ritmo e forma além do significado.

Com a interpretação em jogo, alguns tradutores preferem usar “tempo” em vez de “morte” no *Bhagavad Gita*. E é mais fácil entender porque as duas palavras funcionam quase como sinônimos se você ler o verso no contexto da estrofe. Olha só uma versão em português, traduzida por Francisco Valdomiro Lorenz:

“Eu sou o Tempo, destruidor dos mundos.

Sob esta terrível forma, aqui

Me empenho na destruição

Desta multidão de príncipes.

De todos os guerreiros que aqui vêm,

Nenhum Me escapará. Só tu os sobreviverá.”

A estrofe revela outro significado oculto na citação de Oppenheimer. Nessa cena do poema, um dos deuses demonstra remorso em matar durante uma batalha. E o outro deus do diálogo comenta, justamente, que a morte é inevitável: os que não morrerem lutando vão morrer depois por causas naturais – simplesmente porque o tempo passa, e a morte é inevitável. Ele continua:

“Levanta-te, pois, teu é o poder;

Combate, tu serás o vencedor,

Meu braço já abateu teus inimigos;

Sê instrumento Meu; sê Meu executor.

Derrota todos: Bhishma, Drôna, Karna,

E Yayadratha com os mais heróis;

Eu já os destruí, não estremeças! Coragem!

e serás o vencedor!”

Oppenheimer sentia um remorso enorme por ter criado a bomba atômica, e se dedicou ao ativismo contra armas nucleares. Mas ele não se opôs completamente ao lançamento da primeira bomba contra Hiroshima durante a 2ª Guerra – uma postura ambivalente, que Nolan retrata bem no filme.

É possível que os versos tenham lhe dado alguma forma de alívio, já que funcionam justamente como consolo para um guerreiro que não quer guerrear.

TÁ, MAS E O RAUL?

Por fim, a curiosidade prometida no título. Sabe a música “Gita”, de Raul Seixas? Outra referência ao *Bhagavad Gita*. Tá aqui o trecho original, em que o deus lista seus atributos, exatamente como Raul (a lista é longa, colocamos só um pedacinho):

Entre os purificadores, sou o puro ar;

Entre os guerreiros, sou Rama;

Entre os peixes sou Makara;

Entre os rios, sou o Ganges.

De toda a criação,

Eu sou o princípio, o meio e o fim.

Das ciências, sou a ciência do Espírito e o verbo dos oradores.

Das letras, sou o A;

nas palavras a conjunção.

Eu sou o tempo perdurável e Aquêlê cuja face se volta para tôdas as partes.

Fonte: <https://super.abril.com.br/cultura/i-am-become-death-oppenheimer-e-raul-seixas-citaram-o-mesmo-poema-hindu>



Porque Mozart não terminou sua música mais famosa

Requiem in D minor é uma canção que Mozart nunca conseguiu terminar, porém é a música mais famosa do compositor alemão. Vítima de febre reumática aos 36 anos, a obra-prima foi escrita nos últimos dias de vida de Mozart. No livro *Mozart – sua vida em cartas*, de Gloria Kaiser, o músico conta que o requiem tomava boas partes dos seus dias e noites, porém, se empenhava bastante, pois, embora não soubesse ao certo quem havia encomendado, sabia que era um nobre. Além disso, o freguês deixou uma mala recheada de dinheiro para o gênio, que até então não era reconhecido assim. Ele era um conde poderoso da Áustria, Walsegg Suppach. Porém, o livro sobre a vida de Mozart contado em cartas revela muito mais.

Fama e dinheiro só vieram depois que a morte levou Mozart. Considerado criança-prodígio por uns e usado pelo pai, também músico, o alemão batalhou desde bem pequeno e quase sempre perdia para nomes na época consagrados e hoje pouco lembrados. A intensa batalha não era só dele, mas de toda família para que o talento do menino fosse reconhecido.

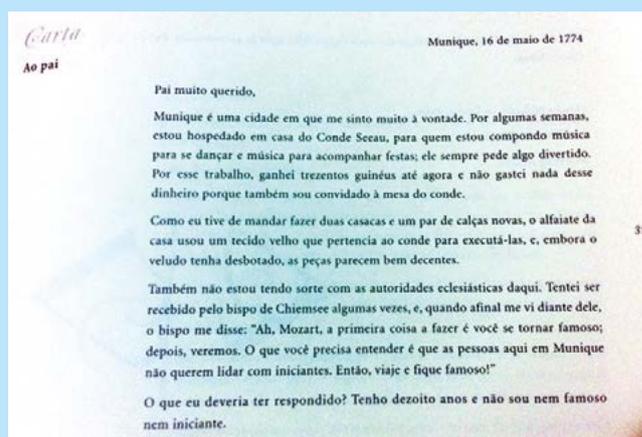
O pai, Leopold Mozart, viajava com ele e a irmã pela Europa. Alguns até reconheciam o talento dos prodígios, principalmente de Mozart, mas outros não davam atenção. A pior situação era quando as pessoas acusavam o pai de compor para o filho executar apenas, o que não ocorria. Com o tempo apenas Mozart seguiu na estrada com Leopold e depois trilhou seu caminho sozinho. O pai de Mozart era bastante rígido. Quando criança o pequeno pediu ninguém mais ninguém menos do que Maria Antonieta, também criança na época em casamento. Uma brincadeira infantil suficiente para provo-

car grande confusão.

MARIDO CARINHOSO

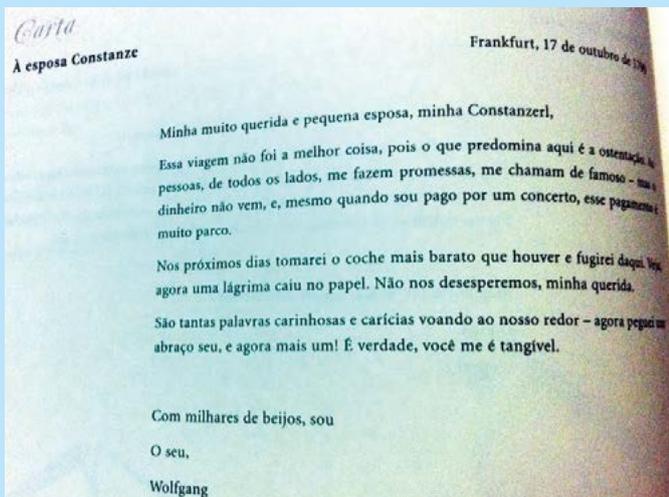
O assunto mulheres era sempre tratado com dedos. Mozart se apaixonou por Aloisia Weber, uma cantora. Compunha para ela e o pai era contra. Ele precisou até se mudar para Paris a pedido do pai. Resultado: a mulher ficou famosa e quando ele voltou na tentativa de reconquistá-la era tarde, tempos depois ela se casou com um homem rico. Daí em diante parece que Mozart ficou menos obediente ao pai, tanto que se casou com Constanze, irmã de Aloisia. Leopold só mudou de ideia sobre o interesse da sogra no casamento depois que visitou-os em Viena.

As cartas trocadas com Constanze são muito bonitas, mostram devoção e carinho de Mozart com a esposa.



Leopold Mozart era confidente do filho

Já as trocadas com o pai são sinais do quanto ele o obedecia e dava importância ao elo pai e filho.



Uma das cartas de Mozart para a mulher

BABADOS EUROPEUS CONTADOS POR MOZART

O livro é uma maneira leve de saber como foi a vida de Mozart, homem que não teve tempo suficiente de vida para saber que seria considerado um dos maiores nomes da história mundial. Como pano de fundo é possível viajar pelos principais pontos culturais da Europa no século XVIII, esbarrar com Beethoven, que foi aluno de Mozart, e muitas outras figuras históricas. Em tom de disse-me-disse, Mozart fala do casamento de Maria Antonieta com Luís XV demorou um ano para consumar o casamento com a francesa devido à “problemas íntimos”. Outras curiosidades e babados que rolavam na época, bem engraçados também podem ser lidos em algumas linhas, apesar de não ser a tônica do livro e nem a melhor parte. A leitura é bem rápida e nem por isso menos rica, indico.

PE. MARCIANO GONÇALVES DE SIQUEIRA - CAUSO

PRAGA DE PADRE (PELO MENOS DE UM) PEGA

Lá pelas bandas de Martinho Campos, existiu um padre muito famoso, o padre Marciano. Primeiro, ele ficou conhecido por ser muito sistemático – mulheres com decote, o mínimo que fosse, não podiam sequer comungar na missa dele. Depois, pelas pragas que rogava quando o afrontavam. Só que como em toda cidade pequena, sabe-se que nem tudo que o povo fala é verdade. E muita gente duvidava que ele tivesse uma boca tão poderosa.

O pai da então recém-nascida Ilmária era um dos que desconfiavam que o padre fosse sistemático, mas que não pudesse chegar a tanto. Ele fazia questão que a menina fosse batizada pela madrinha Eni que morava em Belo Horizonte. Na época, a cidade parecia mais longe, as estradas eram quase todas de terra e a viagem era feita de trem ou carona. Um dia, ela chegou na casa da afilhada de surpresa. Todo mundo ficou feliz demais. Coincidência, tinha uma festa religiosa em Boa Vista, distrito vizinho, e lá foram eles com a garotinha envolta em uma manta branquinha.

A felicidade quase foi desfeita pela braveza do padre Marciano. Só porque eram de Ibitira, ele não queria batizar Ilmária naquele dia. Foi uma discussão danada. O pai da garotinha explicava que Eni estava ali e era difícil demais ela ir em Ibitira outra hora. E parecia que o padre não queria abrir de jeito nenhum, falou por fim, até vermelho de tanto falar e nervoso:

— Vou batizar, pra menina não ficar pagã. Mas já aviso, essa discussão comigo não vai ser boa



procê de jeito maneira. Vai ter um problemão.

— Eu não acredito em praga do senhor – respondeu.

Ilmária voltou para casa com o sacramento e a madrinha que os pais faziam questão. Foi uma festa só, mataram uma galinha caipira para comemorar. E quando completou alguns meses da praga, na estrada que ia pra roça onde ele trabalhava, eis que o pai de Ilmária cai em um buraco. Quebrou a coluna, ficou meses sem poder andar, na cama.

O que ele pensava a todo momento, a cada dor?

Não era conversa fiada, a praga do padre pegava mesmo. Daquele dia em diante, nunca mais discutiu com Marciano e nenhum outro padre na vida.

Fonte: <https://textododia.com.br>

LENDAS DA REGIÃO SUDESTE

Escrito por Carla Muniz

Professora licenciada em Letras

Por ser um país bastante miscigenado, o Brasil possui uma ampla diversidade que se reflete não só nas características físicas de seu povo, mas também na sua cultura e em suas crenças.

A região sudeste, por exemplo, possui lendas onde há influência da cultura africana e da cultura indígena. Além disso, também é possível notar que muitas das lendas têm cunho religioso.



1. LENDA DA MISSA DOS MORTOS

A lenda da Missa dos Mortos teve origem no início do século XX, por volta do ano 1900, na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais.

No local, havia uma igreja chamada Igreja de Nossa Senhora das Mercês de Cima, que era carinhosamente cuidada por um zelador de nome João Leite.

Diz-se que, certa vez, João foi acordado a meio da noite por barulhos que vinham da igreja. O zelador se dirigiu ao local temendo se tratar de um assalto. Ao chegar lá, em vez de encontrar ladrões, João Leite se deparou com a celebração de uma missa.

Quando o sacerdote levantou o rosto para dizer o Dominus Vobiscum (O Senhor esteja convosco), João reparou que seu rosto, na verdade, era uma caveira.

Ao observar melhor os fiéis, viu que também eles, que estavam vestidos com uma espécie de capa com capuz e tinham suas cabeças ligeiramente inclinadas para baixo, eram esqueletos vestidos.

Assustado, correu para uma porta que dava para um cemitério. João ficou ainda mais surpreso ao ver que essa porta, que estava sempre trancada, nesta noite estava totalmente aberta.

crianças, participando de seus pesadelos. Trata-se de uma lenda da África que chegou ao Brasil por intermédio dos nativos.

Os africanos costumavam ornamentar o corpo com folhas de bananeira em alguns de seus rituais (pesca, caça, colheita, etc.). Por vezes eram mostrados às crianças como criaturas que viriam atormentá-las sempre que elas não quisessem dormir.

Considerado uma variação do Bicho-papão, o Chibamba é também conhecido como “espírito das bananeiras”, pois assim como faziam os africanos em alguns de seus rituais, o Chibamba se veste com folhas da planta.

A criatura é conhecida por roncar como um porco, dançar descompassadamente e girar enquanto caminha.

Essa lenda era utilizada pelos adultos como forma de educar as crianças a irem para a cama no horário correto, pois elas acabavam por ter medo de que o Chibamba viesse assombrar os seus sonhos.



3. LENDA DA MULA SEM CABEÇA

A lenda da mula sem cabeça é a história de uma mulher que foi amaldiçoada por Deus como punição pelos seus pecados.

Há muitas variações sobre o que seriam exatamente esses pecados, mas a teoria que ganhou mais força ao longo dos tempos afirma que a mulher teria tido um relacionamento amoroso com um padre.

A maldição transformou a mulher em uma mula que possui um freio de ferro e, que no lugar da cabeça, possui chamas de fogo.

A Mula sem cabeça costuma correr pelos campos relinchando muito alto e assustando pessoas que aparecem em seu caminho. Por vezes, ela parece soluçar como um ser humano.

Diz-se que o encanto apenas terá fim se alguém tiver a coragem de lhe arrancar tal freio de ferro ou de feri-la a fim de que ela perca um pouco de sangue.

A lenda da mula sem cabeça é uma espécie de lição de moral religiosa para mostrar que as mulheres não podem se envolver com os religiosos ou recebem um castigo.



2. LENDA DO CHIBAMBA

A lenda do Chibamba consiste em um fantasma que assombra



4. LENDA DO BICHO-PAPÃO

O Bicho-papão é um dos personagens do folclore mais conhecidos não só no Brasil, mas também no mundo.

Segundo a lenda, ele costuma assustar crianças mal-educadas, desobedientes e mentirosas.

Diz-se que o Bicho-papão é uma espécie de monstro que se esconde embaixo da cama, dentro de armários e atrás das portas dos quartos das crianças que se comportam mal para assustá-las ou devorá-las durante a noite. Daí vem a origem do nome “papão”; do verbo “papar”, que significa “comer”.

Há também uma versão da lenda que afirma que o personagem fica observando as crianças de cima do telhado da casa delas e entra em ação sempre que verifica um mau comportamento.

A história do Bicho-papão costuma ser contada às crianças com intuito educativo. Embora incite algum medo, a intenção é de mostrar à criança que ela precisa ser educada e ter respeito por tudo aquilo que lhe é pedido.



5. LENDA DO CAVALO INVISÍVEL

Na época da Quaresma, período que antecede a Páscoa, os fiéis se preparam para celebrar a Ressurreição de Jesus Cristo.

No entanto, muitas pessoas não acreditam ou não dão importância a essa tradição.

Diz-se que o cavalo invisível é uma espécie de recado de Deus para os descrentes, como forma de impor respeito ao sofrimento de seu filho.

O cavalo costuma passar galopando de noite, perto da janela do quarto onde dorme a pessoa que não acredita nas tradições da Quaresma (como não comer carne e praticar a caridade, etc.).

Ao ouvir o galope do cavalo, muitos já tentaram olhar pela janela, ou mesmo sair rapidamente de casa, a fim de ver o animal. No entanto, ninguém teve sucesso.

Dizem que o motivo de ninguém conseguir vê-lo é o fato de ele ser invisível.



6. LENDA DO CURUPIRA

O Curupira é um jovem de cabelos ruivos ligeiramente compridos, que costuma aparecer montado em um porco selvagem para defender a mata e os animais da floresta onde vive. Há quem diga que ele é, na verdade, um índio.

Além dos cabelos avermelhados, uma das principais características do Curupira são seus pés virados para trás.

O personagem costuma enganar e confundir as pessoas que tentam fazer mal à floresta e aos animais. Quando tentam encontrá-lo, as pegadas ao contrário acabam por fazer com que as pessoas o procurem em uma direção diferente daquela onde ele realmente está.

De forma a manter longe todos aqueles que querem danificar a natureza, o Curupira costuma assobiar e uivar como lobo de forma assustadora.

Diz-se que os animais da floresta costumam pedir ajuda ao Curupira através de um assobio. Ele prontamente aparece e se preciso for, chega até mesmo a atacar.

Acredita-se, inclusive, que o personagem seja responsável pelo desaparecimento daqueles que destroem o meio-ambiente e pelo esquecimento repentino de trilhas e caminhos da floresta por parte de lenhadores e caçadores.



O burro, o tigre e o leão

Pedro Melvill Araújo

Li uma vez uma história, julgo que de origem tunisina, que reza mais ou menos o que adiante escrevo:

Um burro diz a um tigre que a erva é azul! "Não" retorque o tigre, "é verde"! A troca de ideias fica azeda e resolvem recorrer ao Rei Leão para arbitrar a disputa. Bem antes de chegarem à clareira onde o leão descansava, o burro põe-se a gritar - "Vossa Majestade, a erva é azul, não é azul, a erva, Majestade?" O leão responde-lhe:

- Sim, a erva é azul!

Diz então o burro: "Majestade, o tigre não está de acordo comigo e isso aborrece-me, que castigo lhe darás?"

- O tigre será punido com cinco anos de silêncio, diz então o leão, Rei da Selva.

O burro regozija e, saltando de contentamento, continua o seu caminho repetindo incansavelmente: " a erva é azul, a erva é azul..."

O tigre aceita a punição, mas pergunta ao leão: "Vossa Alte-

za porque me pune? Não é verde a erva, afinal?"

Diz-lhe o leão:

- Efetivamente é verde, a erva. "Porque me punis então?" pergunta o tigre.

Explica o leão:

- Isso não tem nada a ver com a questão de saber se a erva é azul ou verde. A tua punição deve-se ao facto de uma criatura corajosa e inteligente como tu tenha perdido o seu tempo a discutir com um louco fanático que não se ajusta à realidade ou à verdade, mas somente à vitória das suas crenças e ilusões. Nunca percas tempo com argumentos que não fazem sentido nenhum. Há pessoas que, quais que sejam as provas que lhes apresentemos, não têm a capacidade de entender o que lhes é dito. E outras há que, cegas pelo ego, pelo ódio e pelo ressentimento, não desejam senão uma coisa: ter razão, mesmo sem a ter.

Ora, quando a ignorância grita, a inteligência cala-se, remata o leão, Rei da Selva.

Os nomes dos burros

O imperador Frederico II e seu irmão Henrique ficaram satisfeitos com a acolhida recebida num convento. Antes de partir, o rei perguntou ao guardião se tinha algum favor a pedir. O bom frade respondeu que sim:

- Peço que sua Majestade nos conceda colocar o hábito a dois noviços, a cada ano, apesar da lei que ordena o contrário.

- Graça concedida - respondeu o rei. Aliás; continuou este - eu mesmo enviarei os dois noviços.

Nisso, olhou o irmão e lhe falou numa língua estrangeira para não ser entendido pelos frades:

- Nós enviaremos dois burros para esses frades! Mas o frei guardião, que tinha viajado bastante pelo mundo afora, entendeu as palavras do rei. Assim, de olhos baixos, o frei disse novamente ao rei:



- Já que o senhor é tão generoso, peço-lhe mais um favor: que possamos colocar aos dois noviços, que o senhor enviará, os nomes do senhor e do seu irmão. O rei e o irmão foram embora calados.

Fonte: Internet